

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

4. As transformações da intimidade

Responsável NEL: Rosa Lagos

Participantes: Juan Pablo Bustamante, Hilema Suarez, Fernando Espanha, Gaston Molina, Marcela Gonzalez, Martha Idrovo, Silvia Macri

O privado torna-se público e o público o familiar.

A título de introdução

Responder ao chamado para trabalhar sobre o tema “Transformações da intimidade. O privado torna-se público e o público familiar” tem sido um desafio de pensamento e de preparação em nosso grupo com idas e vindas e mais perguntas que respostas. Mão na mão tentando unir ideias, baseadas no desejo de cada um, já jogando no tecido de um conhecimento comum, o produto do trabalho realizado.

A viagem tem sido interessante e as perguntas causaram nosso desejo e o impulso para seguir em frente.

Assim, contra o título proposto, apresentou uma série de perguntas orientadas para a busca de significado possível para o significante “intimidade”: O que se entende por intimidade desde a psicanálise?; o que é a intimidade com a esfera da relação público-privada?; qual é a relação entre o íntimo e o sinistro?; o que é o que se transforma da intimidade e o que la transforma?; o que se pode dizer do oxímoro “intimidade pública”?; é um falso problema que a privacidade se torna pública hoje através dos meios de comunicação?; como abordar o íntimo desde a psicanálise?; a experiência analítica, transforma de alguma forma o íntimo?; a intimidade, faz laço social?

A essas perguntas, o ponto de partida consistia em quebrar o título da conversa em: “transformações da intimidade”, “intimidade”, “privado”, “público”, “familiar”, vários termos cuja especificação desde a psicanálise orientará nosso trabalho.

O ponto de partida consistiu em considerar que o termo “intimidade” não é da mesma ordem como *o público e o privado*, desde que o público e o privado correspondem aos elementos da ordem da lei, do social; enquanto a intimidade, derivada da Latina (*intus, intimitas, intimus*), refere-se a uma topologia que indica um *dentro, um interior*, que pode dar origem a uma confusão coloquial com o privado, que é susceptível de passar ao público, como você pode ver em uma sociedade (a nossa) que Marck Zuckerberg, criador do maior fenômeno das redes sociais - Facebook, diz que “a era da privacidade está morta”.

Se pensarmos em uma “intimidade” no campo social, que, por exemplo, alude à intrigas e segredos compartilhados por membros da família ou à intimidade dos próprios pensamentos, estaríamos num campo solidário para o privado quanto possível passar ao público, como espaços simbólicos-imaginários mutuamente envolvidos e em constante interação.

A escalada da fronteira que delimita o privado do público depende dos ideais, as identificações, a cultura, a neurose, o fantasma e os sintomas, que irão expor o que mais tarde foi segredo.

Obviamente a transformação que teve lugar em relação a separação entre o privado e o público, devido ao avanço rápido das tecnologias digitais e fenômenos como a globalização que fizeram do privado e da própria vida um grande espetáculo. No entanto, não é certo que isto pode ser considerado como uma transformação da intimidade.

O íntimo para a psicanálise

Freud argumenta que o mais íntimo, o mais familiar coincide com o mais alheio a nós mesmos, que é desconhecido para o sujeito mesmo e está relacionado com o sinistro.

Freud bateu duro o narcisismo do seu tempo quando formulou que o mais íntimo é no exterior, que o mais estranho coincide com o mais familiar, que algo opaco nos habita, residindo em nossos foros mais internos e profundos, algo que é estranho, como dizer que temos um estranho morando no sótão.

Sua formulação que o self não é mestre de si mesmo, mas que é construída pela identificação nas imagens cativantes de espelho, que sua unidade torna-se a partir do exterior sem coincidir com a sua experiência de fragmentação, que é o lugar de mentira sistemática, revela que, em seu foro mais interno algo do exterior está em jogo, há uma radical excentricidade de um com o próprio. É lá onde Freud localiza o inconsciente.

Por sua parte, Lacan ao inconsciente o acredita um sujeito. Um sujeito dividido entre o que sabe e o que não sabe de si mesmo, um sujeito que nunca é totalmente em casa, um sujeito em quem algo que lhe é alheio agita-se e se pergunta: “Qual é, pois, este Outro a que eu sou mais ligado do que a mim, visto que, no seio mais contido da minha identidade, a mim mesmo é ele quem me agita”,¹ alegando asi, que o mais íntimo e o mesmo tempo exterior do sujeito o constitui o Outro como o lugar do significante e argumenta que também contém um elemento *heterogêneo* que não é significante, chamado objeto *a*, do qual o sujeito é inevitavelmente excluído.

Assim, o objeto *a* - corpo estrangeiro-, é no seu interior mais íntimo, mas ao mesmo tempo também do lado de fora, no exterior. Indicando a presença do real no simbólico, sem que o objeto *a* fazer o próprio real, como sendo um produto do simbólico é um semblante que aponta ao real.

A partir do neologismo *extimidad*, proposto por Lacan no seu seminário *A ética da psicanálise*, “essa exterioridade íntima, aquele *extimidad* que é a coisa”,² para se referir precisamente ao íntimo exterior ao sujeito, Jacques-Alain Miller em sua orientação lacaniana intitulada *Extimidad*, diz que “o *extimidad* é uma fratura constituinte da intimidade”,³ que o íntimo não é se não o *extimo*, como uma forma de permitir a interseção entre dois elementos heterogêneos, como são o gozo e o significante. Ou seja, A Coisa, encarnada pelo objeto *a* e o gozo do próprio corpo: o mais íntimo, mas ao mesmo tempo radicalmente estranho.

Como proposto por Lacan, o íntimo não constitui necessariamente uma discrepância com o exterior, uma vez que o íntimo é também exterior do sujeito, sem que por esse seja externo. De tal forma que o íntimo é exterior ao sujeito, sem solução de continuidade, como ilustra a topologia da banda de Moebius.

Assim, retomando a questão pelas transformações da intimidade, se o íntimo para a psicanálise é o radicalmente bizarro, irrepresentável, que fica por fora de toda possível simbolização, o *extimo*, talvez não é possível transformá-lo.

¹ Lacan, J., La instancia de la letra en el inconsciente o la razón después de Freud. *Escritos*. Buenos Aires: Siglo veintiuno. 2002, p. 540.

² Lacan, J., *El Seminario libro 7. La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1990.

³ Miller, J.-A., *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós. 2010.

O íntimo e a topologia

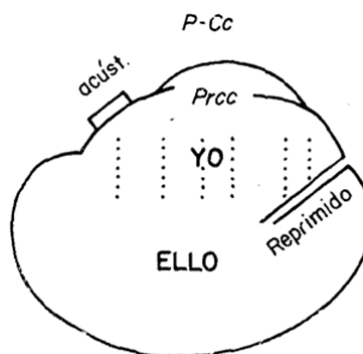
O conceito de *extimidad*, implica uma subversão no que se refere a noção da intimidade, entendida como uma metáfora de uma espacialidade “interna”.

Neste sentido, Miller, no curso mencionado, coloca *extimidad* como uma noção paradoxal:

O termo *extimidad* é construído sobre a *intimidade*. Não é seu oposto, porque o extimo é precisamente o íntimo, mesmo os mais íntimos - desde *intimus* em latim - é um superlativo. Esta palavra indica, no entanto, que é o mais íntimo do lado de fora, que é como um corpo estranho.⁴

Apresentar que o mais íntimo é no exterior, envolve a subversão das noções de interior e exterior - que representam a espacialidade intuitiva comum - formalizadas por Lacan pela inclusão da topologia em psicanálise, que se bem se pode já encontrar na obra freudiana é Lacan quem explicita-la.

De tal forma que, superar as noções espaciais intuitivas com que Freud constrói o aparato teórico da psicanálise, cuja expressão mais clara pode ser encontrada no esquema de ovóide da segunda tópica, pode ser localizado, mais clara e precisamente, a função do inconsciente e a posição do objeto na estrutura.



Esquema de ovóide, segunda tópica freudiana.

A espacialidade freudiana claramente coloca um dentro e um fora, separados, como no caso de uma membrana que separa o interior de uma célula de seu ambiente circundante,

⁴ *Ibidem*, p. 14.

ou como a esfera. Neste sentido, para localizar o ponto de vista tópico, Freud argumenta que:

Dizemos que a consciência é a superfície do aparelho psíquico, é dizer, anexamos, como uma função, para um sistema que é espacialmente a primeira contagem do mundo exterior. E «espacialmente», caso contrário, não só no sentido de função, mas desta vez também na dissecação anatômica.⁵

Em seguida, poderá notar que Freud, quando ele tenta localizar as instâncias psíquicas e suas funções topicamente, continua com uma metáfora anatômica, apesar dos paradoxos que se lhe apresentam em suas conceitualizações. Aqui está um exemplo:

[...] só você pode se tornar ciente de que já uma vez foi percebida *cc*; e, exceto os sentimentos, o que você quer de dentro evolução consciente de tentar transpor em percepções externas. Isso se torna possível através das pegadas mnémicas.⁶

Desta forma, a questão se coloca relativa à como é que pode de dentro ser transpostas em percepções externas.

A este respeito, Freud indica que esta transposição é possível mediante os traços mnemônicos. De tal forma que estes últimos constituiriam o que do exterior é no interior; assim como acontece com alucinações que Freud vem pedir que se bem é percebido no exterior, isso é causado pela passagem da totalidade para da investidura ligada aos traços mnémicos, ao sistema de *percepção*. Mostrando-se então que a relação dentro e fora não é tão simples quanto parece.

Enquanto isso, Lacan, através da estrutura do toro pode formalizar o ponto de vista espacial (tópico) próprio da psicanálise como uma tentativa de responder a estes paradoxos.

⁵ Freud, S., (1923) El yo y el ello. *Obras completas*. Tomo XIX. Buenos Aires: Amorrortu, p. 21.

⁶ *Ibidem*, p. 22

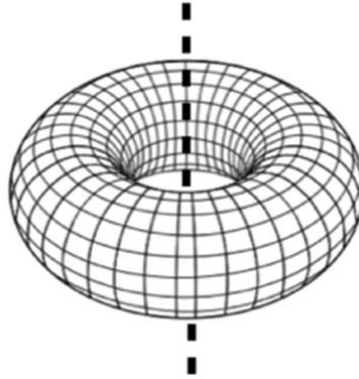


Figura Tórica com linha pontilhada sobre o eixo de rotação.

A linha pontilhada mostra a área fora o toro, mas dentro, o interior de seu orifício central.

Na figura anterior, mostra-se uma superfície tórica ou toro, resultantes de uma esfera gotejante. Você pode ver como o furo central envolve o exterior do corpo do toro, mas ao mesmo tempo, paradoxalmente, encontrado no interior do mesmo. Assim, observa como essa superfície e seu furo central conseguiram subverter a relação entre dentro e fora, entre interior e exterior. Então, este furo central, constituirá para Lacan a sede do objeto *a*, *extimo* para o sujeito e para o Outro.⁷

Portanto, tendo em conta esta superfície paradoxal, se pode conceber um interior íntimo em uma relação de exterioridade com o sujeito que coloca as relações estruturais necessárias para conceber o espaço que constitui a *extimidad*.

A extimidad, suas transformações conceituais e suas implicações clínicas

Tendo em conta a equivalência, formulada por J.-A. Miller, entre intimidade e *extimidad* em psicanálise - onde esta última iria substituir a primeira -, consideraremos as transformações na conceptualização da intimidade no interior do ensino de Lacan.

⁷ Em “Função e campo...” Lacan dirá:

Dizer que neste sentido mortal revelado na palavra fora centro idioma é mais do que uma metáfora e uma estrutura de manifesto. Essa estrutura é diferente da espacialização de circunferência ou a esfera em que alguns têm o prazer de delinear os limites dos seres vivos e seu ambiente: responde a esse grupo relacional que lógica simbólica topologicamente nomeia como um anel.

Querendo dar uma representação intuitiva, parece ser mais do que a superficialidade de uma zona, para a forma tridimensional de um touro que iria recorrer, por virtude que não constituem a sua visão periférica externa e sua exterioridade central mas uma única região. (pp. 307-308)

Em seu curso *Extimidad*, Miller apresenta a *extimidad*, assim como seus envoltórios diferentes, tais como amor e religião; o envoltório político, psicológico e psicanalítico, cuja finalidade é cobrir a parte mais íntima do sujeito, “hiato que habita no Outro e o torna inconsistente: do sujeito barrado ao significante da falta no Outro”.⁸

Por outro lado, Fabián Naparstek, em seu comentário sobre as duas primeiras classes de *Extimidad*,⁹ do *Simpósio do extimidad* apresenta os envoltórios apresentados por J.-A. Miller, como tributários das torções conceituais no ensino de Lacan.

1. O Outro extimo

Uma primeira forma do *extimidad*, apresenta-se como o Outro *extimo*. O Outro é um *extimo*, enquanto o inconsciente se apresenta diante o sujeito articulado como o discurso do Outro; articulado com os significantes que vêm do campo do Outro, mas que por sua vez pertencem ao sujeito. Clinicamente verificada esta *extimidad*, sobre a heterogeneidade que existe entre a intenção de dizer e o que *ouve nesse dizer*. De modo que a enunciação e o enunciado são *extimos* entre si.

Além disso, as consequências desta forma de *extimidad* podem ser localizadas nas diferentes estruturas clínicas. Para o psicótico a *extimidad* do Outro se apresenta diretamente, já que o automatismo mental mostra como o sujeito é falado pelo Outro; enquanto na neurose, os retornos reprimidos mostram esse estranhamento íntimo que o sujeito padece e do qual nada sabe.

Esta primeira versão da *extimidad* (tal como assinala Naparstek), está relacionada com a primeira clínica de Lacan, onde o *partenaire* do sujeito é constituído pelo grande Outro. Como resultado, a posição de analista será localizada como deste Outro *extimo*, que deve fazer parte das formações do inconsciente para proceder no tratamento.

2. O objeto *a*: extimo o sujeito e o Outro.

O objeto *a* como um *extimo*, tanto para o sujeito como para o Outro, marca uma forma diferente da conceituação da clínica desenvolvida por Lacan e que pode ser localizado na altura do *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*.

Nesta elaboração, passa-se de conceber o Outro em termos tais como *extimo*, a pesar que há uma coisa sobre o Outro que tem o estatuto de *extimo*. Está associada com as

⁸ Brodsky, G., Los envoltorios de la extimidad. *Coloquio de la extimidad*. Buenos Aires: Grama. Colección Orientación Lacaniana. 2011, pp. 19-20.

⁹ AA.VV., *Discusión sobre Extimidad*. Capítulo 1. Caracas: NEL. 2011.

conceituações freudianas sobre o amor, em que a condição erótica, traço do objeto perdido, será o que torna amável ao Outro. Então, a característica amável do Outro, será ao mesmo tempo algo que se desprende do sujeito.

Naspartek ressalta que a partir do *Os quatro conceitos...*, a *extimidad* do significante se destaca como *alienação*, enquanto a *extimidad* do objeto se constitui pela *separação*. Encontra-se, uma nova forma de conceituar a direção da cura em psicanálise; se faz ênfase sobre a separação do objeto *extimo: travessia do fantasma*, em vez do significante. Da mesma forma, a posição de analista será localizada a partir do objeto *a*, ou seja, como semblante de objeto causa.

3. O gozo extimo

A terceira maneira de pensar a *extimidad* no ensino de Lacan, pode ser colocado na dialética entre o gozo Um e o Outro. O mais estrangeiro seria o autoerotismo, na medida em que é apresentado como um gozo opaco resistente a representação. Toda a questão em que Lacan pensa o racismo, especialmente em relação com o gozo feminino, oscilará neste sentido. O gozo Outro é sempre estranho, opaco. O irrepresentável "interno", é apresentado como do lado de fora. Neste sentido, o gozo, não falicizado, que chamamos o gozo feminino, surge como o estranhamente familiar.

A direção da cura, neste caso iria empurrar para tentar nomear algo desse gozo opaco e também saber - fazer com ele.

O privado torna-se público e o público, o familiar

Finalmente, no que se refere a segunda parte do título do item de trabalho no que diz respeito a intimidade “O privado torna-se público e o público o familiar” acreditamos que é possível pensar em um link com o dispositivo analítico e posterior dispositivo de passe.

Confrontado com a pergunta sobre a possível abordagem do íntimo que não passa através da palavra, a orientação da experiência analítica pelo real, permitiria contornar esta intimidade paradoxal (*extimidad*), a partir do atar e trabalho de seus envoltórios,

gerenciando os limites da linguagem, sem desconsiderar o irreduzível, separando o significante Um do Plus de gozo, “em benefício do segundo”.¹⁰

Desta forma, no dispositivo analítico o íntimo que pôde ser contornado fica na privacidade, entre analista e analisante, e talvez possa passar um pouco desso ao público da Escola através do dispositivo do passe.

O Passe como dispositivo da Escola, é um Outro a quem se tenta transmitir os efeitos de privacidade que foram trabalhados desde a transferência, através dos testemunhos daqueles que o dando conta do fim do seu percurso pela experiência analítica, obteve a nomeação como AE (Analista da Escola).

Do privado ao público na Comunidade analítica

Através de seus testemunhos os AE tentam transmitir o saber que ganharam desse extimo que os habita; isso tão seu, tão familiar e, ao mesmo tempo seu encontro com o mais opaco, o intransferível, que é reduzido a uma letra, ou a um som, o que atesta uma marca singular e um saber fazer alguma coisa com aquele íntimo que o anima.

Portanto, além do social que você pode pensar do título “Transformação da intimidade. O privado torna-se público e o público familiar”, proposto para este trabalho poderia ser considerado que a experiência analítica leva a uma experiência de mais íntimo que, paradoxalmente, no decurso da análise revelar também estrangeiro e estranho o sujeito.

¹⁰ Miller, J.-A., Breve introducción al más allá del Edipo. *Del Edipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós. 2001.